

Gente dos Campos

No livro "Gente dos Campos – Lágerek népe", István Örkény, relata as suas memórias dos campos de prisioneiros de guerra da União Soviética, onde passou quatro longos anos na década de quarenta. Örkény revela a fome e a nostalgia como as duas sensações mais assoladoras da prisão, que determinavam cada momento e cada gesto dos prisioneiros. Örkény sublinha que o maior sofrimento não eram as limitações do espaço, mas a incerteza da duração do cativo.

A fome apenas aparece na literatura. E isto é surpreendente, porque a grande maioria da humanidade, embora com interrupções mais ou menos breves, continua a passar fome. É também surpreendente porque são precisamente aqueles que fazem da escrita profissão, que confeccionam as mais magras dietas nos seus tachos. No entanto, não escrevem o suficiente sobre o assunto. Não pergunto se este silêncio se deve à modéstia ou à prudência. Nem quero saber porque escrevem sobre comboios de luxo internacionais, amores invulgares de senhoras mimadas, desejos distorcidos de pessoas solitárias, e assassinatos planeados com astúcia, quando elas próprias pouco ou nada têm a ver com essas coisas. Digo simplesmente que muito menos foi escrito sobre a fome do que deveria ter sido. Agora que preciso de escrever sobre isso, dou cada um dos meus passos, cambaleante, como alguém que caminha sobre um pântano nunca antes pisado pelo homem.

De repente, tenho dificuldade em estimar quantas centenas de pessoas cegas escreveram os seus sentimentos e as suas memórias, ou a história da cegueira. Quantas pessoas esfomeadas fizeram o mesmo? Qual é a razão para esta situação absurda? Talvez os cegos escrevam principalmente para os visuais e digam o que é ser cego. Mas aquele que tem fome não sabe para quem escreve: para os famintos ou para aqueles que não passam fome? Nos tempos antigos, na época dos mártires, o

peregrino cristão desenhava o peixe no pó ante os pés de quem encontrava. Era este o sinal. Se uma pessoa que tem fome conhece outra pessoa, na maioria dos casos confessa: Tenho fome. Se a outra pessoa também estiver com fome, compreende imediatamente. Caso contrário, dá-lhe um naco de pão. E a verdade é que é correto dá-lo a ele. No entanto, agora que falamos aberta e claramente sobre esta questão, temos de declarar antecipadamente que a fome não é mitigada pelo pão.

A fome é a tortura de Tântalo: insaciável e eterna. A fome é um estado de espírito nascido da insatisfação física. Sem dúvida, a comida normalmente acalma. Um pouco de pasta ou fruta assegura a continuidade da vida; um escalope vienense já torna possível que a pessoa que teve fome hoje tenha fome amanhã. É inútil explicar mais detalhadamente que uma dieta forçada após uma indigestão ou os grelhados da sexta-feira Santa não são o mesmo que fome, porque não são acompanhados de uma falta de esperança tentadora; pelo contrário, são trespassados, como consolo, pelo cheiro sedutor do caldo e do cordeiro assado de amanhã. A fome de que temos agora de falar é, no fundo, um pânico impossível de apaziguar; é o medo que os instintos têm de morrer de fome.

Tudo isto é necessário salientar porque já foi dito que o sentimento fundamental da vida num campo para prisioneiros de guerra é a fome. Para além da nostalgia, mas de uma forma mais forte, mais palpável e mais impaciente, a fome impulsiona todo o desejo, pensamento e ação.

O confinamento num campo é a ditadura da fome e esta regra não tem exceção, ou se tem, nunca vi tal exceção, nem ouvi falar dela. É claro que há casos em que os sintomas são apagados. A vida nos campos oferece muito espaço para que o indivíduo faça o seu caminho.

Nos campos, há atividades ocupacionais que chegam longe: os cozinheiros, os padeiros, os armazenistas, os chamados "trabalhadores políticos", ou os alfaiates e sapateiros mais

astuciosos. Podem passar meses, ou muitas vezes até anos, sem sentir a dor da fome. Parecem esquecê-la, por vezes nem sequer falam dela. No entanto, algum pormenor ou outro dá-nos por vezes um simples movimento ou algum ritual de comer. E se há alguém cujo medo não o esteja a sufocar, pode seguir os seus passos, como uma sombra.

Tradução: Arnaldo Rivotti

<https://arnaldorivotti.com/>